

A EDUCAÇÃO MODERNA COMO BARBARIZAÇÃO DO TIPO HOMEM

MODERN EDUCATION AS HUMAN BEING BARBARIZATION

Vagner da SILVA¹

RESUMO

O objetivo deste texto é fazer uma análise de uma vertente pouco explorada do pensamento nietzscheano, que é sua aplicação à educação. Buscaremos mostrar relações entre os conceitos de barbárie apresentados pelo filósofo e a educação do homem moderno. Para tal não nos limitaremos a uma única obra ou período do autor, abordando textos distintos de todas as fases em que mais comumente se divide a filosofia nietzscheana, por acreditar que não há descontinuidade em sua obra, nem no plano temático nem no plano metodológico, apenas algumas mudanças quanto aos modelos humanos adotados por Nietzsche na sua juventude e os adotadas em seus períodos intermediário e final.

Palavras-chave: Educação e Cultura; Crítica à Modernidade; Barbárie.

ABSTRACT

The objective of this work is to do an analysis of a not too much explored part of Nietzsche's thought, which is its application to the education. We will show the relationship between the concepts of barbarism used by the philosopher and the education of the modern men. For this, several books of the three most common periods in what Nietzsche's philosophy is divided will be used. We believe that there is not any discontinuity in his works, neither in the thematic field nor in the methodological field, but only some changes about the human models adopted by Nietzsche in his youth period and those adopted in his intermediary and final periods.

Key words: Education and Culture; Criticism against Modernity; Barbarism.

Introdução

Nietzsche foi sem dúvida um dos mais polêmicos filósofos da modernidade. E isso não se deve apenas à forma como escrevia seus

livros, aforismos, parágrafos e dissertações, aparentemente desconexos, mas que analisados cuidadosamente guardam profunda relação entre si. Também não poderíamos atribuir tão somente aos títulos dados a algumas de suas obras e

⁽¹⁾ Mestrando em filosofia social. PUC-Campinas. E-mail: vagnerdasilva@hotmail.com

capítulos toda esta polêmica que envolve o autor, como é o caso de *O Anticristo*, uma das últimas obras do filósofo, ou os primeiros capítulos de *Ecce Homo: como alguém se torna o que é* (1995). Intitulados: *Por que sou tão sábio, Por que sou tão inteligente, Por que escrevo tão bons livros*. O que tornou Nietzsche tão polêmico vai além da forma, encontra-se no conteúdo. É sem dúvida aí que poderemos encontrar o porquê da polêmica em torno das idéias do filósofo e também aí encontraremos indícios de porque ele se tornou tão importante para toda a filosofia moderna.

Ao longo de toda sua carreira filosófica Nietzsche ocupou-se de diversos temas. Desde sua primeira obra, *O Nascimento da Tragédia* (1872), até *O Crepúsculo dos Ídolos* (1889), sua última obra, escrita mas não publicada em vida, o autor perscrutou os mais diversos assuntos, detendo-se de forma mais demorada e intensa nos estudos acerca da moral, da ciência e da arte, sempre ligando seus estudos ao panorama da cultura européia da época. Foi a partir daí que Nietzsche chegou ao incômodo diagnóstico de que a Europa estava doente, mais do que isso chegou ao diagnóstico de que o homem europeu cada vez mais degenerava e tendia para a decadência. Um dos mais claros indícios desta decadência para Nietzsche, era a barbárie que rondava as portas da civilização européia. Barbárie essa que se manifestava das formas mais diversas, mas que geralmente apresentava-se na figura da violência e da escatologia cultural.

Foi a partir deste diagnóstico que Nietzsche traçou seus objetivos. Era preciso “*curar este doente*”, ou ao menos saber até que ponto ele era capaz de suportar os mais duros remédios. Porém, como curar o homem? Como torná-lo forte? Mais do que cura, Nietzsche tinha em mente superação. Talvez possamos encontrar aí, o seu principal objetivo filosófico: a superação do tipo homem em direção de algo superior, ao qual nomeia de *além-do-homem* (Übermensch). Mas aqui também cabem outras perguntas: é possível superar o homem? Como tornar o homem algo superior ao que ele é? Podemos encontrar em um texto do próprio Nietzsche a resposta para estas perguntas:

Aquilo que em parte a necessidade constringente (Not), em parte o acaso, aqui e ali alcançaram, as condições para a produção de uma *espécie mais forte*. Podemos agora compreender isso, e sabendo-o, *querer*. Podemos criar as condições sob as quais uma tal elevação é possível (2002a, p.37).

O trecho acima deixa-nos perceber que tal elevação é possível e até mesmo desejada. Todavia, há a necessidade de antes criar as condições nas quais esta elevação possa ocorrer, uma conjunção de fatores, que até hoje só se reuniu de maneira fortuita e casuística, pode agora ser criada de forma “artificial”. Justamente aqui se insere o que talvez poderíamos chamar de *pensamento educacional* do filósofo alemão: a possibilidade de criar as condições necessárias para prover a elevação do homem, fazendo com que este possa superar-se a si mesmo. Ainda uma outra pergunta cabe-nos fazer aqui, para a qual o próprio Nietzsche ofertou a resposta: o que seria este homem superior? Pergunta por demais conveniente, principalmente se tivermos em mente que em um passado não distante as idéias de Nietzsche, principalmente estas, concernentes à superação do homem atual em direção a um homem superior, foram usadas como argumento pelo movimento nazista na Alemanha. Mas a resposta ofertada pelo filósofo será suficiente para percebermos que suas idéias só andam de mãos dadas com pouquíssimas outras, das quais a barbárie nazista com certeza não faz parte:

O crescente apequenamento do homem é justamente a força propulsora para se pensar na criação (*Züchtung*) de uma raça mais forte, que teria seu excesso justamente ali, onde a espécie diminuída tivesse se tornado fraca e mais fraca (vontade, responsabilidade, certeza de si mesmo, poder instituir metas). (...) Não apenas uma raça de senhores, cuja tarefa se esgotaria em governar; porém uma raça com esfera vital própria, com um excedente de força para a beleza, coragem, cultura, maneiras, até no que há de mais espiritual;

uma raça afirmadora, a quem é permitido gozar todo grande luxo..., suficientemente forte para não ter necessidade da tirania do imperativo da virtude, suficientemente rica para não ter necessidade de poupança e pedantismo, além de bem e mal; uma estufa para plantas especiais e seletas (2002a, p.37).

Se não pelos caminhos da força e da tirania, por quais caminhos se superaria o homem? Pelos caminhos da educação. Conforme a citação anterior, é possível criar as condições necessárias para fazer surgir este homem superior. Eis a tarefa da educação, não qualquer educação, não a educação moderna, contra a qual Nietzsche lançou duras críticas, mas sim a educação cultural, aquela que prepara o indivíduo para ser algo além de um profissional.

Cultura e Civilização

Nietzsche vê a cultura como algo distinto da instrução, para ele, "*Culture is, above all, unity of artistic style in all the expressions of the life of a people*" (1997, p.5). E para que não se confundisse cultura com instrução, em 1872, em uma série de conferências intitulada *Sobre o Futuro dos Nossos Estabelecimentos de Ensino*, Nietzsche distinguia dois aspectos da cultura:

Portanto, meus amigos, não confundam esta cultura, esta deusa etérea, delicada e de pés ligeiros, com esta útil escrava que se costuma chamar às vezes também de "cultura", mas que é somente a criada e a conselheira intelectual das carências da vida, do ganho, da miséria. Além disso, toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência (2003, p.104).

Na obra "*A Grande Política*", cultura também é distinguida de civilização:

Os ápices da cultura e da civilização estão separados entre si: não devemos nos deixar extraviar sobre o abissal antagonismo entre cultura e civilização. Moralmente falando, os grandes momentos da cultura sempre foram tempos de corrupção, e, novamente, as épocas da voluntária e coerciva *domação animal* ("civilização") do homem foram tempos de intolerância para as naturezas mais espirituais e ousadas. A civilização quer outra coisa que a cultura quer: talvez algo inverso (2002a, p.51).

Entre civilização e cultura, Nietzsche entendia a primeira como o processo de domesticação e amansamento do animal homem, para ele, a civilização representa "*a passagem da barbárie à ordenação regular de uma práxis humana, isto é, a constituição de um esquema praxeológico a que se dá o nome de ethos*" (GIACÓIA JÚNIOR, 2002, p.228). A segunda, como dito anteriormente, é visto como unidade de estilos. Para Nietzsche é sobretudo através da cultura que se poderá elevar o tipo homem, o que poderíamos expressar em uma fórmula, que embora simplista, pode dar-nos uma idéia da relação entre cultura e civilização: "*a civilização domesticou o animal, tornou-o homem, e através da cultura ele pode tornar-se algo para além da civilização, algo para além dele próprio, através da cultura, ele pode tornar-se um homem superior*". A civilização é por excelência castradora, uma economia dos impulsos, que funciona através de cálculos utilitaristas de busca de prazer e repulsão da dor. Já a cultura é, por excelência, pródiga, e não funciona dentro de padrões tão simples de valoração. Por isso, para Nietzsche, a cultura é um artigo de luxo, não está acessível às massas ou ao rebanho humano, apenas para aqueles que compõem o que o filósofo chama de Aristocracia do Espírito. Mas para que não se ligue essa afirmação de Nietzsche a qualquer idéia de uma aristocracia de sangue ou raça, ou se tire daí uma condição determinista que não é possível mudar, o próprio autor afirmou que: "*O homem que não quer pertencer à massa só precisa deixar de ser*

indulgente para consigo mesmo; que ele siga a sua consciência que lhe grita: ‘Sê tu mesmo! Tu não és isto que agora fazes, pensas e desejas’ (2003, p.139).

Tornar o homem o que ele é, eis o ponto fundamental de uma educação voltada para a cultura. Todavia este é um caminho repleto de perigos tentadores, que por todos os lados seduzem o homem para torná-lo outra coisa distinta daquilo que ele é: talvez um burocrata, talvez um apertador de parafusos, talvez um artista da indústria cultural, talvez um *douto*, mas sempre, como uma junção de todos estes tipos em uma só figura, um bárbaro.

Da Barbárie

O termo barbárie, tanto de origem grega – *bárbaros*, quanto romana - *barbarum*, foi inicialmente usado por estes dois povos para designar a incapacidade de alguém de pronunciar a sua respectiva língua e, posteriormente, foi usado para designar os estrangeiros. Por fim, a palavra foi usada em Roma para designar os povos que migraram e invadiram o império a partir do Século I da era cristã, quando o termo tornou-se sinônimo de violência e destruição de toda espécie.

Vale ressaltar que no início da utilização do termo, ele não designava apenas a incapacidade de pronúncia da língua grega, mas também da língua vernácula, como era o caso dos habitantes da Caria (na Ásia Menor), que foram descritos por Homero como “barbarófonos”, por pronunciarem mal sua própria língua. Por isso, o termo bárbaro está ligado ao balbucio, ato de falar com má dicção ou batendo os dentes, o tartamudear².

Nietzsche explorou o termo bárbaro dando a ele novo significado, embora sem abandonar o tradicional acima exposto. Para ele o bárbaro precede a civilização. A este respeito escreveu no aforismo 246, de sua obra “*Humano, Demasiado Humano*”:

(...) na história da humanidade; as forças mais selvagens abrem caminho, primeiramente destrutivas, e no entanto sua ação é necessária, para que depois uma civilização mais suave tenha ali sua morada. Estas terríveis energias – o que se chama de mal – são os arquitetos e pioneiros ciclópicos da humanidade (2000b, p.170).

Apesar da importância atribuída ao bárbaro como preparador do terreno no qual cresceu a civilização, o reaparecimento da barbárie significa sempre uma ameaça à própria civilização e também à cultura, por sua violência exterior e desmedida. Nietzsche contrapõe a idéia de bárbaro à idéia de cultura (unidade de estilos), mostrando o bárbaro como um homem no qual não há uma unidade nas paixões, o que ele vê como um indício de doença, de degeneração:

(...) a contraposição das paixões, a duplicidade, triplicidade, multiplicidade das ‘almas em um só peito’: nada saudável, ruína interior, autodissolução, revelando e ampliando uma divisão interna e um anarquismo -, exceto se por fim uma paixão assumir o controle. *Restabelecimento da saúde* (2002b, p.132).

O problema da barbárie reside justamente na sua multiplicidade incontrolável de paixões. Nietzsche vê o homem bárbaro como aquele pleno de forças, que ainda não foi amansado, amolecido pela civilização, como o homem “*de uma natureza ainda natural, bárbaros em toda terrível acepção da palavra, homens de rapina, ainda possuidores de energias de vontade e ânsias de poder intactas...*” (1992, p.169). Todavia, a essa gama incontrolável de paixões é necessário opor uma paixão ainda mais forte, para que no interior do indivíduo não reine a anarquia dos instintos. Aqui notamos uma outra distinção feita por Nietzsche entre cultura e civilização: ao passo que a civilização tenta castrar todos os instintos dos homens, tornando-o um ser manso, um cordeiro para sacrifícios, a cultura visa fortalecer no homem uma paixão capaz de

⁽²⁾ Sobre a evolução histórica do conceito de barbárie ver o primeiro capítulo de: MATTÉI, Jean-François. **A Barbárie Interior**: ensaio sobre o *i-mundo* moderno. Tradução: Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

suplantar as demais, e pô-las a serviço do próprio homem. Mais uma vez, nas palavras do próprio filósofo, referindo-se aos instintos:

Não seu enfraquecimento ou extermínio. Quanto maior é a força dominadora de nossa vontade, tanto mais liberdade é lícito ser dada às paixões. O grande homem é grande pelo espaço de liberdade de suas paixões: porém, ele é suficientemente forte para fazer desses monstros seus animais domésticos (GIACÓIA JUNIOR, 2002, p.236).

E ainda como crítica à educação castradora, Nietzsche afirma:

Tanto a *domesticação* da besta humana quanto a *criação* de um determinado gênero de homem foi chamada 'melhoramento' (...). Chamar a domesticação de um animal seu 'melhoramento' soa, para nós, quase como uma piada. Quem sabe o que acontece nos amestramentos em geral duvida de que a besta seja aí mesmo 'melhorada'. Ela é enfraquecida, torna-se menos nociva, ela se transforma em uma besta *doentia* através do afeto depressivo do medo, através do sofrimento, através das chagas, através da fome (2000a, p.52).

Educação Moderna e Democracia

A educação, capaz de conduzir o homem a uma superação de si próprio, é uma educação que não destrói os instintos, mas que os usa em favor do homem. Parece-nos claro que, ao contrário do que algumas vulgatas interpretativas do pensamento nietzscheano dizem, o autor em momento algum defende a ação irresponsável ou a sucumbência aos instintos. O que não vige na educação moderna, que descobriu um outro processo de depauperamento e enfraquecimento do homem - a democracia como forma de educar, a crença na autonomia de ação daquele que deve

ser educado. Prática que hoje se vê por toda a parte, sob as mais diversas formas: nova escola, escola aberta e outras... Que requerem cada vez mais a inserção de *narcóticos*³ no processo educacional, fazendo com que os professores submetam-se ao ridículo e ao escatológico como forma de educação, e vão progressivamente tendo sua função transformada: de mestres para professores, daí para facilitadores, não tarda muito e tornar-se-ão animadores. Esta prática democrática na educação enfraquece os instintos por um processo de negação do conflito, e concomitantemente barbariza o homem.

Nietzsche critica a democracia por esta basear-se em valores morais descendentes do pensamento judaico-cristão, ao qual chama de *moral de rebanho*, caracterizada por uma vontade de poder (*Wille zur Macht*) que, não podendo ser exercida em função da fraqueza do povo, dissimula-se e torna a sua fraqueza exemplo de virtude, criando no próprio povo a idéia de fraqueza voluntária como sinal de virtude que agrada o seu Deus, que sendo um Deus universal, deve manifestar-se e agradar-se da mesma forma em todos os locais, sendo assim, a forma judaica de agir é a correta, é a que agrada o Deus. Esta moral se estabelece como a única possível e desejável. Falando sobre a relação entre a moral e democracia, Nietzsche escreveu no aforismo 202 de "Além do Bem e do Mal" que:

(...) com a ajuda de uma religião que satisfaz e adula os mais sublimes desejos do animal de rebanho, chegou-se ao ponto de encontrarmos até mesmo nas instituições políticas e sociais um expressão cada vez mais visível dessa moral: o movimento democrático constitui a herança do movimento cristão (1992, p.101).

Um outro problema que Nietzsche vê nas práticas democráticas é a forma como elas lidam com o discurso de liberdade, discurso que faz crer no aumento das liberdades individuais, baseando-se na idéia de que todos são iguais, e são da mesma forma capazes de escolher o que

⁽³⁾ Narcótico aqui é empregado no mesmo sentido em que Nietzsche o emprega em seus textos: práticas que estimulam cada vez mais os sentidos, gerando uma incapacidade de reflexão acerca da própria situação do homem e do que o cerca.

é melhor para si e em escolhendo este melhor para si escolherão também o que é melhor para a coletividade. Em “*Humano Demasiado Humano*”, Nietzsche refere-se a esta idéia de auto-governo como ingênua, por acreditar que há qualquer coisa na natureza que a conduza a uma harmonia:

A antiga moral, notadamente a de Kant, exige do indivíduo ações que se desejem serem de todos os homens: o que é belo e ingênuo; como se cada qual soubesse, sem dificuldade, que procedimento beneficiaria toda a humanidade e, portanto, que ações seriam desejáveis; é uma teoria como a do livre-comércio, pressupondo que a harmonia universal tem que se produzir por si mesma, conforme leis inatas de aperfeiçoamento (2000b, p.33).

Na educação, o discurso e as práticas democráticas trazem dois grandes problemas, ambos ligados aos instintos: por um lado, o enfraquecimento; por outro, a anárquica liberação dos instintos; nos dois casos, a barbárie.

Sobre a anárquica liberação dos impulsos que pode ser promovida por uma educação democrática, podemos afirmar que um auto-governo das paixões e impulsos humanos, procedido de forma democrática conduziria o homem inevitavelmente à barbárie. Se todas as paixões e instintos, mesmo os mais violentos e destruidores tivessem a mesma liberdade de ação no interior do homem, e nenhum deles devesse obedecer ao comando de um mais forte, abriria-se uma grande porta para a barbárie, aquela à qual Nietzsche refere-se, na sexta citação do texto citado, como “*os pioneiros ciclóticos da humanidade*”, forças que requereram séculos para serem controladas por impulsos mais fortes e afirmadores da vida.

A Educação e a Guerra

Por outro lado, e agindo de forma não menos perigosa, o discurso democrático enfraquece os impulsos humanos, ao invés de submetê-los ao controle de um impulso mais forte e utilizá-los em favor do próprio homem.

O conflito, elemento de fundamental importância no pensamento de Nietzsche, não apenas como formador do caráter, mas também como medida de nossa própria força e resistência, é anulado pela democracia. Esta, admitindo a igualdade entre todos, extingue a necessidade do conflito ou conduz para o extremo oposto, a guerra entre povos e nações. Não podemos imaginar a guerra entre povos e nações sem imaginarmos condições de igualdade entre estes povos, pois um povo mais fraco não ousaria lutar com um mais forte. Todavia, esta guerra entre povos, que precisam conquistar uns aos outros, para Nietzsche é sinal de barbárie, pois para ele, só precisa conquistar o outro, aquele que não pode conquistar a si próprio, só precisa exercer controle sobre o outro, aquele que é fraco demais para exercer poder sobre si mesmo. Esta *vontade de conflito* deve sempre ser direcionada para o interior do homem, para o conflito entre instintos, pois, sem o conflito entre os instintos, perde-se a noção de sua própria força, e esta, sem exercitar-se, acaba também por decair.

A guerra educa para a liberdade. Pois o que é liberdade! O fato de se ter a vontade de se responsabilizar por si próprio. O fato de se sustentar a distância que nos distingue. O fato de se tornar indiferente à fadiga, à rigidez, à privação, mesmo à vida. O fato de se estar preparado para sacrificar os homens pela coisa sua, sem deixar de contar a si mesmo neste sacrifício. Liberdade significa: os instintos viris, alegres na guerra e na vitória se apoderam dos outros instintos – por exemplo, o instinto de ‘felicidade’. O homem que se tornou livre pisa sobre o modo de ser desprezível do bem-estar, com o qual sonham o comerciante, o cristão, a vaca, a mulher, o inglês e outros democratas. O homem livre é *guerreiro*. A partir de que critério se mensura a liberdade dos indivíduos, assim como dos povos? A partir da resistência que precisa ser superada, a partir do esforço que custa para permanecer *em cima*. Teria de se procurar o tipo mais elevado de homem livre lá, onde constan-

temente se supera a mais elevada resistência: cinco passos além da tirania, colado no umbral do risco da servidão. (...). Os povos que tiveram um certo valor, que foram valorosos, nunca o foram sob instituições liberais: o *grande perigo* fazia algo com eles, que merece veneração; o perigo que nos ensina pela primeira vez a conhecer nossos recursos, nossas virtudes, nosso valor e nossas armas, nosso espírito – que nos obriga a sermos fortes... *Primeiro* princípio: temos de precisar ser fortes: senão nunca nos tornamos fortes (2000a, p.95).

Percebe-se, na passagem acima, o quanto Nietzsche valoriza o conflito como uma possibilidade de fazer aflorar todas as grandes virtudes do homem e, até mesmo, de possibilitar que a anarquia dos impulsos no interior do homem encontre um impulso mais forte que os coordene e os dirija. Todavia, é importante ressaltar que ao valorizar o conflito Nietzsche não se refere à guerra entre povos, ou qualquer tipo de violência externa, pelas quais o autor sempre nutriu profundo desprezo. Como ele mesmo afirma em seus “*Fragmentos Finais*”:

Eu trago a guerra. Não entre provo e povo; não tenho palavras para exprimir meu desprezo pela política de interesses, digna de maldição, das dinastias européias, que, da incitação ao egoísmo (*Selbstsucht*), à auto-presunção dos povos uns contra os outros, faz um princípio e quase um dever. Não entre estamentos sociais. Pois não temos estamentos superiores, conseqüentemente também não inferiores (...). eu trago a guerra entre todos os absurdos acasos de povo, estamento, raça, profissão, educação, formação: uma guerra como entre ascensão e ocaso, entre vontade de vida e *ânsia de vingança* contra a vida, entre honestidade e pérfida mendacidade (2002a, p.52).

Como se vê, a idéia de guerra em Nietzsche é uma guerra de espírito, uma guerra para o domínio dos impulsos e ascensão a algo superior ao próprio homem, uma guerra contra tudo o que

é degenerado na vida. A educação democrática enfraquece esta guerra no interior do homem, pois com sua idéia de paz, que mais se assemelha ao descanso dos inválidos e incapazes, faz acreditar que todos são iguais, logo, não há necessidade de conflitos. Para Nietzsche, nada “*parece mais estranho do que o que era desejável outrora, o que era desejável para o cristão: a ‘paz da alma’.* Nada nos deixa menos invejosos do que a vaca moral e a felicidade balofa da boa consciência. Renunciou-se à vida grandiosa quando se renunciou à guerra” (2002a, p.37).

Opondo posteriormente a idéia moderna de liberdade à sua própria idéia de liberdade, o filósofo alemão afirma que “*se vive em função do hoje, se vive muito rapidamente – se vive de maneira muito irresponsável: isto justamente denomina-se como ‘liberdade’.* [E este] (...) conceito moderno de liberdade é mais uma prova de degradação dos instintos” (2000a, p.97-99).

A moderna educação democrática não é como a antiga educação grega, aquela da *skholé*. Segundo MATTEI:

O termo *skholé*, cuja etimologia permanece obscura, significa propriamente a ‘parada’, o ‘repouso’, e, conseqüentemente, o ‘ócio’, essa pausa que permite ao homem não estar mais submetido à urgência da vida cotidiana, e sim levar tempo (*prende son temps*). [Um] segundo sentido do termo será a ocupação do homem ocioso, não a ociosidade vazia, mas a plenitude de uma reflexão estudiosa. (...). Entre todas as atividades da existência, apenas a *skholé* é seu próprio fim para si mesma, na medida em que permite ao pensamento do homem, afastado das coerções da vida e da sociedade, exercer-se na sua plena liberdade. Aristóteles irá ainda mais longe que Platão ao ver na *skholé*, por excelência, a atividade eterna de Deus cujo pensamento é ‘pensamento do pensamento’ (2002, p.210).

A bárbara educação moderna é, por conseqüência, a educação da pressa e da velocidade. É necessário adestrar o educando em um cada vez maior número de conteúdos, adaptando-o às necessidades da sociedade. A

fragmentação de conteúdos é um dos elementos desta aceleração da educação moderna.

Ainda na esteira do fracionamento e ausência de unidade de estilos e vontades como indício de barbárie, Nietzsche faz uma outra denúncia contra a educação moderna, que cada vez mais fraciona o conhecimento, não podendo nem mesmo promover a ascensão de um conhecimento primitivo ordenador dos demais.

(...) o campo de estudo das ciências é hoje tão extenso, que aquele que, com boas disposições, mas não excepcionais, quer aí produzir algo, se consagrará a uma especialidade muito particular e não terá qualquer preocupação com todas as outras. Se na sua especialidade ele está acima do *vulgus*, para tudo mais, quer dizer, para tudo que é importante, não se mostra diferente deste. Assim, um erudito, exclusivamente especializado, se parece com um operário de fábrica que, durante toda sua vida, não fez senão fabricar certo parafuso ou certo cabo para uma ferramenta ou uma máquina determinada, tarefa na qual ele atinge, é preciso dizer, uma incrível virtuosidade. (...). A 'fidelidade nas pequenas coisas', a 'fidelidade do carroceiro', se torna um tema de ostentação, a falta de cultura fora dos limites da disciplina é apresentada como sinal de uma nobre sobriedade (2003, p.64).

Esta fragmentação do conhecimento moderno na educação atende a exigências específicas: a idéia de usar o homem como uma peça em uma grande máquina, a idéia utilitarista de medir os homens e não considerá-lo em sua grandiosidade de espírito... Tudo isso, para Nietzsche, se traduz na capacidade de suportar o que há de mais duro e terrível na vida, sem se deixar deformar, mas sim, medir os homens por seu grau de utilidade dentro do rebanho. A moderna educação democrática, ao igualar todos os homens, busca justamente torná-los utilizáveis dentro da sociedade, submetê-los às necessidades do Estado e da economia, barbarizá-los. Para tal, nada mais útil que uma educação fragmentária e fragmentadora, que educa para a

adaptação às pequenas e mesquinhas necessidades da vida quotidiana, que cria novas peças de labirinto, bloqueando a passagem para qualquer caminho de reflexão acerca do próprio homem e de sua condição. Diante deste panorama, é humanamente impossível tornar-se o que se é.

A este respeito Nietzsche escreveu por fim:

A *educação*: um sistema de meios visando a arruinar as exceções em favor da regra.

A *instrução*: um sistema de meios visando a elevar o gosto *contra* a exceção, em proveito dos mediócrs. Visto assim, isto parece duro; mas, de um ponto de vista econômico, é completamente racional. Pelo menos para o longo período em que uma cultura se mantém ainda com sacrifício, onde toda exceção representa um dispêndio de força [algo que desvia, seduz, torna doente, isola]. Uma cultura da exceção, da experimentação, do risco, do matiz – uma *cultura de estufa* para as plantas excepcionais não tem direito à existência senão quando há muitas forças para que mesmo o dispêndio se torne 'econômico' (2003, p.227).

Não pensemos, todavia, que o pensamento de Nietzsche sobre a educação limita-se à crítica. O autor tem suas próprias idéias acerca da educação, algumas até já mostradas ao longo do texto.

A Educação do Amanhã

Poderíamos apontar os caminhos para uma educação futura, partindo de algumas perguntas propostas por Nietzsche em seu livro "Humano, Demasiado Humano".

Uma educação que já não crê em milagres deve prestar atenção a três coisas: primeiro, quanta energia é herdada?; segundo, de que modo uma nova energia pode ainda ser inflamada?; terceiro, como adaptar o indivíduo às exigências extremamente variadas da cultura, sem que elas o incomodem e destruam sua singularidade? Em suma, como integrar o indivíduo ao

contraponto de cultura privada e pública, como pode ele ser simultaneamente a melodia e seu acompanhamento? (2000b, p.167).

Partindo das perguntas propostas pelo autor, principalmente da última, buscaremos compreender melhor o pensamento de Nietzsche e algumas de suas propostas para aquela que ele acreditava ser uma educação do amanhã, “*uma educação que já não crê em milagres*”, uma educação que prepararia o homem para viver entre suas necessidades pessoais e os interesses coletivos, sem, contudo, tornar-se um animal de rebanho. Uma educação capaz de conduzir o homem à sua auto-superação, a educação formadora do *além-do-homem* (*Übermensch*).

Para Nietzsche, educar não é uma tarefa simples, pois “*raramente mudamos um indivíduo; e, conseguindo fazê-lo, talvez tenhamos conseguido algo mais, sem o perceber, nós fomos mudados por ele!*” (2001, p.214). Por isso mesmo o filósofo via a educação como uma tarefa na qual deve-se investir todas as forças. Pois a falta de uma educação rígida e exigente no período adequado da vida é algo difícil de ser remediado posteriormente, como o autor afirmou em seus fragmentos póstumos:

Não vejo como possa novamente dar um jeito alguém que tenha deixado de ir, na época certa, a uma *boa escola*. Um sujeito assim não se conhece; anda pela vida sem ter aprendido a caminhar; a musculatura flácida denuncia-se ainda a cada passo. A vida é, às vezes, tão compassiva que ela permite a recuperação quanto a essa rígida escola (...). O mais desejável [porém] continua sendo, em todas as circunstâncias, uma rígida disciplina na *época certa*, ou seja, ainda numa idade em que desperte orgulho ver que muito é exigido de si mesmo. Pois isso diferencia de qualquer outra a escola da dureza como boa escola: que muito é exigido; que é exigido com rigor; que o bom, que até o excepcional é exigido como normal; que o louvor é raro, que não há indulgência; (...). Uma escola

assim é necessária em todos os sentidos: isso vale tanto para o mais corpóreo quanto para o mais espiritual: funesto seria querer separar aqui! (2002b, p.151).

Para Nietzsche, educar é uma tarefa para agora, uma tarefa que requer dureza e disciplina. É importante salientar que esta dureza, rigidez e disciplina, das quais fala o filósofo, estão ligadas à necessidade do espírito preparar-se para as dificuldades da vida. Elas referem-se à preparação do espírito, não se referem a qualquer tipo de rigidez ou dureza física. Para que se tenha uma idéia mais acertada acerca deste “modelo pedagógico” proposto por Nietzsche, recorremos novamente às palavras do filósofo:

Àqueles seres humanos *que ainda me importam*, a esses eu desejo sofrimento, abandono, enfermidade, maus-tratos, humilhação – desejo que não lhes fiquem ignotos o profundo auto-desprezo, a tortura da desconfiança em relação a eles, a miséria do superado: não tenho compaixão por eles, pois lhes desejo a única coisa que, hoje, pode provar se alguém tem ou não tem *valor – que ele agüente...* Não conheci ainda nenhum idealista, mas muito mentiroso (2002b, p.147).

Apesar da dureza das palavras, elas são uma boa mostra para percebermos a hierarquia de valores de Nietzsche, hierarquia de valores que deve ser formada por uma educação para a cultura, uma educação que prepare o homem para as coisas mais duras da vida, e o ensinem a agüentar toda essa dureza, sem, contudo, perder a alegria da vida. É apenas essa dureza, a verdadeira disciplina da guerra, do confronto do homem contra seus impulsos mais bárbaros, que poderá criar uma nova educação, para novos e superiores homens, não uma educação bárbara, que enfraquece os instintos e torna o homem um animal de rebanho, ou que liberta seus impulsos mais bárbaros.

A esse respeito, nos “*Escritos sobre Educação*”, Nietzsche afirma:

[Essa] *nova educação* deveria *impedir* que os homens cedessem a uma propensão

exclusiva e se tornassem órgãos, em relação à tendência natural da divisão do trabalho. Trata-se de criar seres soberanos capazes de abarcar o conjunto com um golpe de olho e assistir como espectadores ao jogo da vida, parceiros tanto aqui como ali, sem estar *muito violentamente* engajados (2003, p.224).

A educação tem um caráter de reciprocidade, pois como o autor afirma em citação anterior, quando mudamos alguém, acabamos também sendo mudados por este alguém. Desta forma, Nietzsche vê a educação como um processo de interação entre partes distintas, não uma mera imposição de instâncias superiores a instâncias inferiores, pois o filósofo não acreditava na existência de instâncias superiores de pessoas, mas apenas na possibilidade de haver pessoas superiores e inferiores. Superioridade e inferioridade estas que só poderiam ser definidas a partir da capacidade individual de suportar o que há de mais terrível na existência, sem contudo perder a vontade da vida. Eis a necessidade do conflito e da disciplina do conflito, elas são a forma de se medir a capacidade de resistência dos homens.

A possibilidade de educar alguém para que através da cultura este possa tornar-se superior ao que ele é, é uma preocupação constante nas obras de Nietzsche. Esta educação daquele que para o filósofo seria o além-do-homem, não pode ser a educação tecnicista, utilitarista e democrática moderna, tem que ser uma educação especial, uma educação para formar espíritos mais fortes e que, por isso, não deve prescindir da dureza e do rigor da formação do espírito, para que este espírito torne-se o que ele é, para que este espírito ignore o chamamento da massa e não se torne um animal de rebanho, não torne-se um bárbaro moderno, e sim torne-se um indivíduo repleto de singularidade, capaz de não apenas controlar seus impulsos, contendo as eclosões da barbárie, mas que os possa usar em seu favor.

Repetindo o mote socrático de conhecer-se a si mesmo para poder tornar-se o que se é, o autor se pergunta: "*Mas como nos encontrar a nós mesmos? Como o homem pode se conhe-*

cer?" (2003, p.141). Após estas perguntas que servem como um roteiro de busca da sua própria individualidade, o autor oferece um caminho:

(...) que a jovem alma se volte retrospectivamente para sua vida e faça a seguinte pergunta: 'O que verdadeiramente amaste até agora, que coisas te atraíram, pelo que tu te sentiste dominado e ao mesmo tempo totalmente cumulado? Faz passar novamente sob teus olhos a série inteira destes objetos venerados, e talvez eles te revelem, por sua natureza e por sua sucessão, uma lei, a lei fundamental do teu verdadeiro eu (2003, p. 141).

Conclusão

Eis o caminho ofertado pelo filósofo para que através de uma educação para a cultura o homem conheça a si próprio, torne-se o que é, e vá além de si próprio, supere-se.

Por fim, gostaríamos de indicar aqui o último grande elemento de uma pedagogia nietzscheana: "*Contribuição ao sistema educacional: - Na Alemanha falta aos homens superiores um grande meio de educação: a risada dos homens superiores; estes não riem na Alemanha*" (2001, p.167).

Apesar da dureza de suas palavras, o bom-humor e a alegria são constantes na obra de Nietzsche, logo, não poderiam deixar de estar presentes em seu "pensamento educacional". Todavia, o autor não poderia, vendo o total adoecimento do homem europeu, continuar a filosofia que ele identificou como a responsável pelo enfraquecimento do homem. Por isso, se por um lado, a filosofia de Nietzsche é a filosofia da ruptura, por outro, mostra possibilidades diversas para elevar o homem. Mas apenas aqueles que se afastarem das necessidades da massa poderão conhecer este caminho... Que os mais fortes e propensos apareçam!

A despeito de Nietzsche não ser um teórico da educação *par excellence*, a aplicação do seu pensamento à educação mostra-se como

um caminho fértil, desde que se leia Nietzsche profundamente, e se não destituído, ao menos afastado dos preconceitos morais, científicos e políticos da modernidade.

O pensamento de Nietzsche torna-se mais agudo justamente quando analisamos as práticas e discursos que tornaram o século XX um dos mais bárbaros na história da humanidade, e que já inserem o “jovem” século XXI nesta história de guerra e violência, em suma, na história humana da barbárie.

Referências Bibliográficas

- GIACÓIA JR., Oswaldo. *Barbárie e Civilização*. In: ROSENFELD, Denis L. e MATTÉI, Jean-François [Org.]. **O Terror**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W. **Dialética do Esclarecimento**. (II excursão). Tradução: Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- MATTÉI, Jean-François. **A Barbárie interior**: ensaio sobre o i-mundo moderno. Tradução: Isabel M. Loureiro. São Paulo: Unesp, 2002.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A “Grande Política”** - fragmentos. Introdução, seleção e tradução: Oswaldo Giacóia Jr. Campinas: Departamento de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas-IFCH-UNICAMP, 2002a.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **A Gaia Ciência**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Além do Bem e do Mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução: Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000a. (Conexões 8).
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Escritos Sobre Educação**. Tradução, apresentação e notas: Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2003.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Fragmentos Finais**. Seleção, tradução e prefácio: Flávio R. Kothe. Brasília: Editora universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002b.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Humano, Demasiado Humano**: um livro para espíritos livres. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000b.
- NIETZSCHE, Friedrich W. **Untimely Meditations**. Translated by R. J. Holingdale. New York (N.Y.): Cambridge University Press, 1997.
- ONATE, Alberto Marcos. **Entre eu e si, ou, A questão do humano na filosofia de Nietzsche**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

